REFORMA POLÍTICA OU HUMANA?

Voltei a falar de amor! Há algum tempo tenho me ocupado com política e confesso: tem sido algo infrutífero. Não a Política em si, pois como bem dizia Aristóteles, querendo ou não, somos “animais políticos”. Um papel de bala jogado ao chão é uma questão política! O problema não é o papel, mas quem o descartou sem ao menos se importar com isso e com as consequências que trará aos outros. Quantas vezes joguei “pérolas aos porcos”? Perdi a conta.

Indignado com a corrupção no Brasil, o colega comentou sobre a necessidade de uma reforma política. Achei interessante e quis saber como seria. Sem pensar, ele disse que isso era problema dos políticos e não seu. Fiquei triste! Mas, ainda assim dei vasão à conversa, buscando argumentos que nos ajudassem a ver que uma reforma, favorável à população, deve ser democrática e cada cidadão pode contribuir neste processo. Sem me escutar, objetou ele que uma intervenção militar talvez resolvesse o problema do Brasil. Fiquei indignado! Uma reestruturação no poder seja ela qual for, sem consciência crítica, por parte dos envolvidos, de nada adiantaria. Mais que reforma política, é preciso reformar o eleitor. Posso ser utópico, mas prefiro o lado daqueles que não se contentam e nem se confundem com as maquiagens do poder. Toda reforma deve partir do interior e Jesus chamou atenção para isso ao dizer a Nicodemos: “é preciso nascer de novo” (Jo 3,3).

O evangelho ilumina nossa reflexão. Em Mateus (23, 1-39) Jesus abre os olhos dos discípulos e da multidão frente ao poder representado nas figuras dos escribas e fariseus, principais responsáveis pela interpretação da lei mosaica (Torá) e sua prática rigorosa. Jesus não fala de pessoas específicas, mas dos cargos exercidos por elas. A Lei em si, era necessária na vida dos judeus, o problema era os que exerciam poder sobre ela. O que fora escrito para libertar e tornar digno o povo de Deus, havia sido manipulado em favor da ignorância de muitos e enriquecimento de poucos. Escribas e fariseus, respeitados pelos mais humildes, visavam os interesses da própria elite.

Jesus instiga a consciência do povo e ensina sobre o que não fazer. A Lei pode salvar ou condenar, dependendo de interpretação: “faça o que digo, mas não faça o que faço” ou “Viva o amor, se necessário use palavras”. Escribas e fariseus, para não fazer feio, “mostravam-se” cumpridores dos mandamentos, usavam belas túnicas, sentavam nos primeiros bancos das sinagogas, se orgulhavam dos títulos de rabi e mestre. Eles ensinavam e cobravam posturas relacionadas à verdade, ao amor, à justiça e no entanto, não viviam o que pregavam. Para o Mestre, mais do que “falar” de justiça é preciso ser justo. No seu Reino a situação é invertida: as palavras são importantes se expressam a verdade da vida, do contrário, é melhor o silêncio. Isso faz lembrar o sábio Confúcio: “o silêncio é o melhor amigo. Ele nunca trai”.

No Reino de Jesus é assim: se quiser ser o maior, que seja o menor; melhor do que ser servido é servir e se quiser se exaltar que seja humilhado. Jesus se irrita com a hipocrisia que faz as pessoas se esconderem atrás da lei e dos belos discursos. Os hipócritas, representados nas figuras de escribas e fariseus, tinham seus próprios interesses e não se importavam em extorquir as viúvas, explorar os mais pobres e enriquecer o templo. Condenavam os pequenos delitos, mas faziam vista-grossa aos grandes crimes, fazendo valer o ditado popular da época: “coam um mosquito e engolem um camelo”. O que eram essenciais à Lei, a fidelidade a Deus, a prática da justiça e da misericórdia ao próximo, havia se perdido.

A mudança parte de dentro e não de fora como queriam os escribas e fariseus. Jesus ensina isso ao trazer a metáfora da limpeza. Ao limpar um copo ou um prato, é preciso começar de dentro para fora, ao contrário a sujeira ficará no interior da louça. De forma semelhante, Jesus compara os fariseus e escribas a sepulcros caiados: o exterior bem pintado, mas por dentro imundo. Para Jesus, a reforma externa depende de uma nova postura: “nascer de novo”.

Nenhuma reforma vale a pena se não parte da alma, isto é, mente e coração. Tal renovação atinge não só o campo político, mas o religioso, inclusive. Sem ela, a religião torna-se uma presa fácil para aqueles que buscam a todo custo seus ganhos políticos. É preciso indignar-se, não com as pessoas que buscam, pela fé simples, uma “tábua de salvação”, mas com as ideologias que se colocam como perfeitas, verdadeiras e absolutas.

Como eu disse no início: voltei a falar de amor! Assim como fez Jesus, insisto em apontar as falhas de um poder que, para se manter em pé, precisa se estruturar na hipocrisia e nos interesses próprios. É preciso se opor a todo poder que, de maneira hipócrita, divulga a separação, o ódio e o desamor. Peter Pan, no filme, pergunta à Wendy: “o ódio é uma palavra forte não acha?” Wendy responde: “amor também é, mas as pessoas falam como se não significasse nada”. A palavra amor tem se tornado “falatório” para quem almeja poder e riqueza. O psiquiatra Carl Jung me fez pensar ao dizer que o contrário de amor é “desejo de poder”. Qualquer reforma, quando se trata de ser humano, deve partir da capacidade de amar e não aceitar a hipocrisia, principalmente a sua própria. A reforma humana é questão de alma.